

O Compromisso do Rap Resgatado Por Mulheres: A Substituição de Oruam por Duquesa no Festival Wehoo¹

Antonio Augusto Galdino Wanderley²

Gisele Maria da Silva Ramos³

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

Este trabalho propõe investigar o caso do Wehoo Festival, focando no cancelamento do show de Oruam e sua substituição por Duquesa, para analisar como homens negros em ascensão podem incorporar os valores da branquitude (Souza, 1983), mesmo sendo um jovem criminalizado (Fanon, 2008). Além disso, examinar como as imagens de controle por Collins(2019) e Bueno(2020) influenciam a percepção sobre Duquesa e de que maneira a cantora subverte essas representações, retomando o compromisso pautado no rap em suas produções musicais no conceito de escuta conexa(Janotti Jr,2023).

PALAVRAS-CHAVE: Rap; Oruam; Duquesa; escuta conexa;imagens de controle.

O sonho de “ser” branco

A Proposta de Emenda à Constituição(PEC) sobre a privatização das praias, tem como proposta alterar o acesso e uso do litoral brasileiro para que partes das praias possam ser privatizadas. A PEC propõe que áreas do litoral possam ser cercadas e exploradas por empresas ou proprietários privados, permitindo que praias sejam fechadas ao público em certos casos, principalmente para empreendimentos imobiliários, turísticos ou de lazer. Os defensores afirmam que essa PEC poderia ser benéfica para o turismo e desenvolvimento econômico, o que geraria receita para os cofres públicos. Porém, apenas a elite econômica seria beneficiada por essa emenda, aumentando a segregação social, o que excluiria as pessoas mais pobres em relação ao direito de acesso universal às praias.

No momento em que Neymar entra na jogada nas redes sociais junto com uma empresa de prestadora de serviços para construção civil pernambucana, que teria projeto com acesso às praias de Pernambuco e Alagoas, nomeado como “Caribe Brasileiro”, as discussões entre famosos chamam atenção nas redes sociais. Luana Piovani critica as ações de Neymar, resultando em uma defesa de Oruam em prol do jogador de futebol. O artista faz um vídeo convocando seus fãs para xingar a atriz nos comentários das

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Mestrando em Comunicação na linha 2, Estética e Culturas da Imagem e do Som, no PPGCOM da UFPE email: augustogaldino2@gmail.com.

³ Estudante de Graduação do 8º semestre no curso de Rádio, Tv e Internet da UFPE email: ramosgisele610@gmail.com.

publicações em suas redes sociais, e ao mesmo tempo, nesse discurso, o trapper se une ao jogador e também aos valores associados à branquitude⁴.

Oruam, marcado por várias discriminações em sua jornada artística, no seu lugar de ascensão tenta ser considerado gente em frente ao homem branco. O homem negro, se vê obrigado a tentar se adequar aos pensamentos e valores da branquitude, mesmo que isso signifique a sua exclusão. Na ocasião em que Oruam sai em defesa do que Neymar está defendendo, automaticamente adota a postura alinhada aos valores da elite. Assim, Neusa Souza afirma:

Tendo que livrar-se da concepção tradicionalista que o definia econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e não possuindo outra concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade, ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social.(Souza,1983, p.19)

No país que tem um histórico de extrativismo e exploração da população indígena e diáspora africana, promovidas pelo o europeu branco num marcador temporal de séculos, na constante manutenção do pensamento colonial nas relações sociais e de poder, no caso do Oruam, preconceitos sobre sua estrutura familiar, vivência e até mesmo produção musical, são fatores para inferiorização do ser, e “a inferiorização é o correlato nativo da superiorização européia”(Fanon, 2008, p.90). Neste caso, não há como não concordar com Neusa Souza no que toca a tentativa do homem negro sentir de ter o objetivo de aproximação do branco para uma nova concepção na imagem do músico filho de um traficante. Oruam, portanto, representa um exemplo de como o homem negro, mesmo em ascensão, pode ser excluído dos círculos de poder e influência, apesar de adotar os valores da elite branca.

A entrada da “Big D”

Duquesa costuma criticar outros artistas por suas músicas e apresentações ao vivo, como em um feat mais recente com AjúliaCosta, nomeado como “SetAje 2”. Um tema recorrente nas músicas da artista baiana é questionar a cena do Rap/Trap ser predominantemente formada por homens estão tão confortáveis que eles não precisam mais se esforçarem tanto como antes para fazer sucesso com as músicas, sempre recorrendo aos temas e estilos parecidos nos trabalhos sem ao menos inovar em algo. Por outro lado, Duquesa mostra a partir do seu trabalho, que ela pode ter temas parecidos com os caras, porém ao mesmo tempo falar de conscientização, empoderamento, questões de gênero e raça em seu trabalho.

Contudo, o fato do Wehoo colocar a Duquesa no evento por causa do acontecido com Oruam, traz a ideia de que a artista tem apenas a função de substituir alguém. A

⁴ Link da matéria:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2024/06/oruam-tem-show-cancelado-apos-defender-neymar-em-briga-com-luana-piovani-clx4pcxqn01oo015dwvil7p50.html>

partir disso, pensamos o porquê da Rapper não ter sido convidada inicialmente para o evento, já que na cena nacional ela tem sido destaque, como também reconhecida internacionalmente, por ser indicada como “Melhor Novo Artista Internacional” no BET Awards 2024 (Black Entertainment Television para premiar artistas afro-americanos da música, atuação, esporte e outras áreas do entretenimento). Então, ao investigar essa substituição de Oruam um homem negro que foi pego pela cultura do cancelamento, por Duquesa uma mulher negra, pode ser vista uma estratégia simbólica de um mecanismo de controle e instrumentalização racial. No momento em que a artista é colocada para "tapar buraco", podemos interpretar como uma função de acomodação no contexto em que a presença da artista serve para apaziguar as tensões, mas não necessariamente uma real transformação na valorização da sua subjetividade.

Junto a isso, as reivindicações da cantora presente em suas músicas, retratam a desvalorização do seu trabalho, ao mesmo momento em que ela entrega em seus shows uma apresentação mais ornamentada com figurino, dançarinas, etc, em relação a maioria dos homens do gênero, é usada pelo evento para criar uma reparação ao público do acontecido. Ao analisar as músicas da Rapper, o ativismo nas letras ao mostrar as mulheres na cena musical, no resgate de um Rap subversivo para reivindicar direitos ao “ensinar” os homens como fazer música, ao mesmo tempo a cantora aciona a liberdade do seu corpo, negando normas da sociedade patriarcal. Podemos interpretar a tentativa do Weeho de colocar a Duquesa no modelo de imagem de controle de Patrícia Hill Collins(2019) da *matriarca*, a autora explica que:

Consideradas excessivamente agressivas e não femininas, as matriarcas negras eram supostamente castradoras de seus amantes e maridos. Esses homens, compreensivelmente, abandonavam suas parceiras ou se recusavam a casar com as mães de suas filhas e seus filhos. Da perspectiva do grupo dominante, a matriarca representava uma mammy fracassada, um estigma negativo aplicado às afro-americanas que ousassem rejeitar a imagem de serviços submissas e diligentes.(Collins,p.160,2019)

Em diálogo direto com Collins, Winnie Bueno(2020) faz uma leitura moderna sobre a matriarca. Pensar que a escolha da artista não teve como foco principal o seu trabalho para entrar na line up, mas sim uma disponibilidade para resolver uma situação de emergência. Isso reflete um padrão onde corpos negros, particularmente mulheres negras, são mobilizados para servir aos interesses de estruturas maiores, seja de eventos, instituições ou indústrias, de maneira utilitária. Assim, enquadrada como a matriarca, Duquesa fica na responsabilidade social do homem negro, ao atuar como a responsável por garantir a imagem de um evento, por problemas causados por um pessoa que não é seu filho, mas faz parte da comunidade do Rap, então, como descrito por Bueno:

A imagem da matriarca talvez seja uma das mais perversas formas de controle, uma vez que, ao assumir essa imagem, mulheres negras sentem-se constantemente insuficientes, inferiorizadas e compulsoriamente responsáveis por garantir todos os aspectos do

bem-estar de suas famílias, filhos e até mesmo de suas comunidades.(Bueno, p.95,2020)

Em razão de um sistema patriarcal que insiste em colocar mulheres negras nessas posições ainda hoje, neste processo de animalização, inserindo essas mulheres em uma função específica, traz de volta a reflexão sobre Duquesa não ter ido a line up do festival antes de todo o acontecido, ainda mais por o evento revelar que o valor principal da empresa é a diversidade. Após este caso, e em seguida uma substituição, percebemos a contradição no discurso do Wehoo. A articulação da indústria do entretenimento junto com a sociedade em geral utilizam diferentes imagens de controle para manter mulheres negras neste lugar de subordinação, no caso do evento, colocada na posição de mammy para ser a substituta do Oruam, como uma solução de restaurar a visibilidade do show. Em contrapartida, no momento em que ouvimos as músicas da rapper e vemos ela fazer crítica a cena musical e a indústria, a partir dos questionamentos sobre as mulheres no Rap, inclusive com ela mesma, é “quando essas mulheres se negam a desempenhar esse papel, a elas é atribuída a imagem de negra agressiva”(Bueno, p.109,2020)”. Ao ouvir as músicas, coreografias e performances, percebemos que a cantora também pode ser colocada em outra categoria da imagem de controle, associada a expectativas de hipersexualização, que é a *Jezebel*.

Antes de discorrer sobre esta imagem de controle, gostaria de pontuar que a sensualidade nas performances da artista são totalmente legítimos, fazendo parte de sua escolha artística que representa uma maneira de autonomia e empoderamento, não um viés de submissão aos estereótipos. Assim, a sensualidade quando escolhida é exibida de forma consciente, reivindicando sua sexualidade de maneira complexa para desafiar o próprio estereótipo. Desse modo, o que Duquesa procura nas performances é uma ressignificação do seu corpo negro na indústria musical. Em vez de serem vistas como objetos hipersexualizados, essa artista está reapropriando a sexualidade como uma expressão criativa e de poder pessoal.

Porém, muitas vezes coloca artistas negras nesse papel da *Jezebel*, uma vez que, a sociedade, indústria musical e também o Rap tenham uma longa história de hipersexualização dos corpos femininos, sobretudo as mulheres negras na imagem de controle da *Jezebel*. Winnie Bueno descreve:

Essa imagem de controle está relacionada com o controle da sexualidade das mulheres negras e tem um papel central nas ideologias racistas, mobilizadas pelas classes dominantes para naturalizar e perpetuar as violências e injustiças sociais às quais as mulheres negras estão historicamente submetidas.(Bueno,p.109,2020)

Enquanto o estereótipo da Jezebel historicamente reduz mulheres negras à hipersexualização, Duquesa usa a sensualidade de forma autônoma, como uma escolha consciente em sua arte, desafiando a própria estrutura que cria esses estereótipos. Nesse sentido, o uso da sensualidade não a torna prisioneira de um estereótipo, mas uma figura que desafia e reinventa o espaço que ocupa na música e na cultura. A crítica de Bueno e Collins sobre como as mulheres negras navegam entre essas imagens de controle, mas

também exercem sua autonomia e ressignificam essas imagens quando estão no controle de sua narrativa. Ao ouvir a música interpretada por Duquesa, "99 problemas", é mostra a posição de reivindicação através do empoderamento, sua liberdade sexual e modo de agir na preservação de sua subjetividade, em sua fabulação de sentido do corpo da mulher negra. Podemos perceber isso no trecho de sua música:

Ele me liga, me liga, me liga doidinho pra ver o piercing no meu peito
Sabe que eu sou novinha visionária, por isso não fodo com ele no pelo
Sei que cê gosta de uma preta riquinha, mas não é de mim que cê vai ter herdeiro

Se esperar que eu babe seu ovo, pode apostar, morre de saco seco
(Duquesa, 99 Problemas (part. MC Luanna), 2023)

Na tentativa de enquadramentos nas imagens de controle na rapper, vista não pela sua arte e sim por uma disponibilidade para o evento, ou em suas performances numa tentativa de hipersexualização da cantora, restringindo em papéis limitadores nas funções utilitária ou estereotipada. Duquesa desafia as imagens de controle e reivindica o seu lugar subjetivo acarretando a complexidade. Duquesa em suas músicas, atitudes e campo performático, levanta a bandeira do compromisso. E isso é um dos valores primordiais do Rap que tem sido levantado pelas mulheres na cena musical.

Duquesa, compromisso e as mulheres no Rap

Nesta investigação as posições de Oruam e Duquesa, percebemos um afastamento das discussões iniciais do Rap de mensagem encontrado nos primeiros grupos do Brasil na cena do hip hop, no momento em que as músicas do rapper carioca, exaltando os bens materiais como posição de poder combinam com seus discursos onde exclui as pessoas que tiveram uma vivência parecida com o cantor sente um afastamento, gerando críticas, e conseqüentemente, não acompanha mais os trabalhos desse artista. Por outro lado, Duquesa aciona as problemáticas de raça e gênero, sendo ela uma mulher negra nordestina em ascensão no gênero musical vai de encontro a vivência de outras mulheres que tentam ser bem sucedida em trabalhos que se propõe a fazer, também em relação a como as mulheres negras enfrentam o discurso de sexualização, seja na sociedade, no trabalho, relacionamentos, etc. Deste modo, as músicas agenciam o elo da artista com os seus ouvintes, sendo assim:

A escuta conexa é um modo de abordar os regimes de escuta musical no ambiente comunicacional contemporâneo levando em consideração, ao mesmo tempo, os aspectos plásticos, culturais e sociais do consumo musical. Assim, a partir da noção de escuta como ato conexo é possível abordar a territorialidade da música como agência e “senso de pertencimento”. (Janotti Jr, 2021, p.5)

Neste caso, a música agencia este lugar de reconhecimento não só do trabalho, seja ele na cena musical como também no cotidiano dos ouvintes, no intuito de trazer reflexões a partir da música, para a vida destas pessoas. Em diálogo com a escuta conexa, Galdino aponta:

O elo criado entre os jovens negros por meio do Rap, faz com que os ouvintes se identifiquem com a música por aspectos culturais e abre uma discussão do problema. A música, por meio da arte, cumpre o papel de conscientização e aprendizado para conduzir as pessoas à discussão e reivindicação de problemas vividos, agora pleiteado em âmbitos sociais, o que de certa forma cria um movimento.(Galdino, p.5, 2024)

A bandeira do compromisso no Rap defendido por Sabotage, continua com a atuação das mulheres no gênero musical. Bandeira defendida por Duquesa, mas também por outras artistas em todo Brasil, como Ajúlia Costa, Mc Luanna, Bione, Rap de Afoitas, entre outras. Enquanto houver reivindicações de classe, gênero e raça, o Rap atua na defesa das pessoas para a inclusão e discussão dos problemas sociais no território. Assim o movimento encabeçado por mulheres é muito importante para acionar as pautas que foram postas de lado e que precisamos discutir. A música toma esta posição, principalmente no Rap, onde muitas pessoas escolhem a arte para se expressar e não ser apagadas. Esse compromisso tem que ser constantemente lembrado para a luta contra o racismo e as relações de gênero, o que essas mulheres em destaque colocam à tona esse valor.

REFERÊNCIA

BUENO, Winnie. Imagens de controle: um conceito de Patricia Hill Collins. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

DUQUESA. 99 Problemas feat. Mc Luanna (Official Visualizer). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQreU1BGMmw> Acesso em: 20 out. 2024.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GALDINO, Augusto. A cor púrpura: Djonga e a violência na vida das masculinidades negras no Brasil. In: INTERCOM NORDESTE – XXI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, GP Comunicação, Música e Entretenimento, 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2024.

JANOTTI JR., J. S.; **QUEIROZ**, T. A.; **PIRES**, V. Deixe a gira girar: corporeidades musicais em tempos de escuta conexa. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.